



SOBRE AS MULHERES VIKINGS E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO MEDIEVO

Fernanda Godoy¹

Resumo: As ideias expostas no presente escrito tentam tratar de temas sobre guerreiras vikings na idade média, bem como sobre questões de gênero estudadas no campo antropológico, realizando assim um diálogo entre a história com sua mitologia nórdica e a Antropologia.

Palavras-chave: mulheres, vikings, mitologia nórdica, gênero, Antropologia

Abstract: The ideas outlined in this writing try to address issues about warrior vikings in the Middle Ages, and on gender issues studied in the anthropological field, thus realizing a dialogue between history with his Norse mythology and anthropology.

Keywords: women, vikings, Norse mythology, gender, Anthropology

O artigo tem o intuito de abordar sobre a temática das mulheres (guerreiras e mitos sobre guerreiras) vikings durante o período da Idade Média a partir de um olhar interdisciplinar com a Antropologia, na tentativa de usar o conceito de gênero como principal categoria de análise e reflexão, como denota o texto de Joan Scot (1990). Nessa linha, creio ser interessante iniciar colocando o que na verdade significam ‘papeis’ de gênero, e a partir daí tentar posicionar/situar o tema proposto. Como assinala Miriam Grossi (1998):

Papel é aqui entendido no sentido que se usa no teatro, ou seja, uma representação de um personagem. Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra. A Antropologia, que tem como objetivo estudar a diversidade cultural humana tem mostrado que os papéis de gênero são muito diferentes de um lugar para outro do planeta. Temperamento, uma antropóloga norte-americana, Margareth Mead, mostrou que, numa mesma ilha da Nova Guiné, três tribos – os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli – atribuíam papéis muito diferentes para homens e mulheres. Agressividade e passividade, por exemplo, comportamentos que,

¹ Formanda em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC
fe_godoy_23@hotmail.com

em nossa cultura ocidental, estão fortemente associados, respectivamente, a homens e a mulheres quase como uma determinação biológica, entre estas tribos lhes eram associados de outra forma. Num destes grupos, homens e mulheres eram cordiais e dóceis; no outro ambos eram agressivos e violentos; e no terceiro as mulheres eram aguerridas, enquanto os homens eram mais passivos e caseiros. A partir deste estudo, muitos outros foram feitos em outros grupos humanos, mostrando que os papéis atribuídos a homens e a mulheres não eram sempre os mesmos. (p.6-7).

Dessa forma, é colocado então que o gênero, no sentido de ser uma construção cultural e social, é mutável e que se diferencia de sociedade para sociedade de maneira que as mulheres e os homens nem sempre tiveram os ‘papeis’ que tem hoje, ou terão no futuro, por assim dizer. Nesse aspecto, através dos mitos dos vikings, que são uma forma de mostrar seu imaginário, bem como comportamentos/funcionamentos daquela sociedade, é visto que existiam mulheres como as valquírias, que eram grandes guerreiras e que realizavam ‘papeis’ tidos como masculinos. Segundo Johnni Langer e Weber Neiva (2012):

Dentro da perspectiva do mundo escandinavo, as valquírias sempre foram motivo de temor e fascínio aos homens. Com uma clara associação com o combate, essas servas de Odin, são a representação ideal quando tratamos das representações da mulher guerreira. Ao entrar na esfera que é normalmente caracterizada como masculina (a citar, a guerra), veremos que tais personagens possuem diversas facetas que lhes concede poderes tanto dentro e fora do mundo marcial. (p.4).

Essas valquírias, ou *valkyrjas* do original nórdico, eram ‘aquelas que escolhiam os mortos’, segundo o autor, para levá-los a Valhalla. Entretanto, as valquírias serviam a esses modos, mostrando certa subserviência incoerente ou até contraditória com suas atitudes. Conforme o artigo, em síntese, tem-se quatro aspectos essenciais relacionados a estas personagens, tais quais como atendentes, servindo a Valhalla, amantes/esposas, lutadoras (protegiam reis e heróis) e profetisas. (LANGER, WEBER 2012, apud DAVIDSON, 1988, p.97).

Nessa linha, como assegura Flávio Guadagnucci Palamin (2013), em seu texto “O ideal de coragem do guerreiro Viking representado nos heróis Sigmund e Sinfolth.”, as ideais de guerra estavam presentes não somente na mentalidade dos homens, mas também nas mulheres e crianças. Assim, segundo Palamin:

O guerreiro, o fazendeiro, a mulher, ou seja, toda a sociedade estava imersa nessa cultura de violência e as narrativas mitológicas eram passadas desde a juventude,

formando suas próprias idealizações de vida, pautadas nas figuras dos deuses e no que elas representam. Entretanto, acreditamos que os heróis míticos auxiliam nessa formação, possuindo, nas sociedades, dentro do conceito de representação, papel mais importante que os próprios deuses. Ou, ainda, “é essa interação entre os deuses e os gigantes, por um lado, e heróis lendários, por outro, que tem sido um dos aspectos mais interessantes da mitologia nórdica através dos séculos.” (O’DONOGHUE, 2007, p.50 apud PALAMIN, 2013, p.3)

Desse modo, segundo Palamin (2011), em um diferente artigo intitulado “Odin e Valhall: Aspectos da vida após a morte na mitologia da Europa setentrional”, Odin aparece aos mortais como uma figura alta, de um olho só, coberto por uma capa longa e usando um chapéu de abas largas. É também o deus dos escaldos, pois foi ele quem descobriu as runas em um ritual de auto-sacrifício. Palamin, assevera também que Odin tem autoridade sobre aqueles que se mostram válidos se juntar à sua horda em Valhall, e que assim, como filhas de Odin, as Valkiryas são espíritos guerreiros femininos que auxiliam o exercito escolhido por Odin nas batalhas. Mas, como se refere no texto, a função das Valkiryas que nos interessa é a de buscar em meio aos mortos na batalha, aqueles que honraram o nome de Odin e morreram valorosamente. “Os guerreiros que morrem em batalhas dedicadas a ele são carregados pelas Valquírias para Valhall, onde eles são arrolados em seus corpos militares, que estará atrás de Odin no Ragnarok”. (BRONSTED, 2004, p.249 apud Palamin, 2011).

Posto isso, percebe-se que apesar de seu poderio de transportar os mortos combatentes para o paraíso viking, as valquírias são submissas ao poder maior de Odin. Se o desobedecem, são punidas.² Dessa maneira, como é trazido pelo artigo, certamente é possível relacionar uma dualidade presente naquela época entre homem e mulher, representando certo conflito e domínio do masculino sobre o feminino. No entanto, há de se pensar que todas as pessoas eram também submetidas à Odin, não somente as valquírias, bem como seus ‘papeis’ eram de extrema importância para aquela época. Pode-se buscar compreender as relações de poder da época que ainda parecem se perpetuar e se estender na modernidade, contudo não é evidente determinar certo domínio do homem sobre a mulher, visto a complexidade dessas relações de poder e visto que nem todas as mulheres eram valquírias.

Conforme Marlon Angelo Maltauro (2005), a existência de mulheres guerreiras entre os vikings é um tema complexo e que é comentado que existiram grandes guerreiras escandinavas e que estas eram adolescentes que não tinham consciência de sua própria sexualidade, ou eram

² Existem sagas que abordam sobre esse tema como a de Volsunga, saga 21-22.

viúvas que se utilizavam das batalhas para vingar a morte de seu marido ou familiares. (p. 34). No entanto, como o autor coloca, as mulheres guerreiras representavam um obstáculo ou ameaça, por assim dizer, ao poder social dos homens e a conseqüente perda de prestígio perante a comunidade em que viviam (MALTAURO, 2005 apud LANGER, 2004, p.41). No entanto, como denota Menezes em seu texto “Sutiã de Aço: A representação da mulher guerreira no filme como treinar seu dragão”, não existe evidencia arqueológica da existência de mulheres vikings guerreiras, há sim escavações nas quais foram encontrados corpos de mulheres sepultadas junto a armas e armaduras, mas a presença de tais artefatos está ligada à representação de um *status* social elevados desta mulher, uma vez que possuir tais equipamentos custava caro. Do mesmo jeito, não há menção a mulheres guerreiras na maioria das sagas islandesas, salvo alguns casos de autodefesa, como o famoso caso de Freydís Eiríkdóttir, tendo aparições apenas nas sagas lendárias, que nas quais a representação feminina está voltada para o mítico modelo das valquírias. O autor menciona:

Reza a tradição que, muitas vezes, quando as batalhas perigavam o fracasso se aproximava, as mulheres restauravam as linhas rompidas, obrigando o esquadrão a retornar a frente, quando em fuga, com a persistência das suas súplicas opondo-lhes feitos e amedrontando-s com o cativo como consequência (...) (TÁCITO, apud, Menezes, 2011, p.3).

Dessa maneira, torna-se importante colocar que normalmente o papel da mulher era o de ser a “guardiã das chaves” de casa (MALTAURO, 2005) e que essa tinha a função de cuidar dos afazeres domésticos, e que não necessariamente estavam envolvidas em batalhas.

O autor assevera também que esses contos (como das valquírias) inicialmente/originalmente orais se tratavam das classes sociais “mais elevadas”, pois essas eram consideradas descendentes de heróis e esses de deuses. Logo o ciclo que legitimaria essa hereditariedade “divina” era formado e essa classe perpetuava seu poderio.

Nesse sentido, é importante ressaltar, como Jean Scott (1990) afirma em seu texto que o estudo do gênero como categoria de análise ajuda a compreensão de como funcionavam os ‘papéis’ estabelecidos pela sociedade e como esses “atuavam” de certa forma, ou usando uma analogia do jogo, colocado por Geertz em “Mistura de Gêneros”, como que através desses comportamentos de certo modo fixados davam sentido ou legitimavam a política, o poder daquela época. Desse modo, a autora afirma que segundo Nathalie David (1975), que devemos

nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, no sentido de entender a amplitude dos ‘papéis’ sexuais e do simbolismo sexual nas varias sociedade e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la. (SCOTT, p.4). Para completar, Scott assevera que:

(...) o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (p. 7)

Voltando para a análise do mito, a Valquíria, segundo Langer e Weber, é tratada em algumas literaturas como figura transcendente que participa do mundo dos homens usando armas e volta para seu mundo. (idem), Diferenças na iconografia como valquírias fazendo o uso de lanças como sendo um atributo feminino e raramente usando espadas, que seria um símbolo masculino dos reis representado poder. No entanto, quando a valquíria rompe sua submissão a Odin, perde seu arsenal, sua lança, e se modifica em uma transgressora ao usar a espada, utilizando-a para se matar, reforçando assim esse simbolismo masculino. “A subserviência no Valhalla sempre será sua maior característica e, dentro de nossa análise de um ser voltado absolutamente para o combate, sua maior transgressão” (idem, p.13). O grande perigo, colocando dessa maneira, das mulheres adentrarem na esfera dos homens era uma temeridade no imaginário nórdico. (idem, p.21)

O texto de Langer e Weber, trás também o mitos das gigantas como sendo reflexos da natureza física, espelhando aspectos femininos, já os elementos culturais são simbolizados pelo mundo masculino. O campo para ser cultivado, o clima, montanhas, personificam o feminino, enquanto a cultura é essencial do homem. Neste sentido, concordamos que na mitologia o mundo dos deuses é masculino, enquanto o dos gigantes é feminino. (LANGER, WEBER, 2012, QUINN, 1998, p.43). Assim, os autores colocam que:

Na mitologia escandinava, os deuses conquistam e submetem a natureza ao controle da sociedade. E num mundo ditado por regras masculinas, é óbvio que quando a natureza se apropria da esfera cultural, ela deve ser dominada. Porem esse modelo de contraposição é uma ilusão, pois o homem tende a se auto-representar ‘fora da

natureza', mas a própria natureza se torna, na experiência histórica, um modelo cultural consciente, uma escolha intelectual alternativa à cultura. (idem, p.23 apud MONTENARI, 2008, p.31).

Nessa linha de pensamento, percebe-se que desde aquela época, há uma tendência a um pensamento binário, hierárquico nas relações entre homem e mulher e que transparecia por meio dos mitos e de suas personagens como as valquírias e as gigantas, as belicosas, no caso, que eram consideradas como uma ameaça ao poder e sempre eram vencidas pelos homens. Eram representadas como gigantas feias e nada atraentes na tentativa de simbolizar o temor do poder do homem sendo comandado por uma mulher.

As valquírias, por sua vez, apesar de serem representadas como lindas e atraentes donzelas, possuíam facetas contraditórias (como já mencionadas), por exemplo, por serem belicosas e comparadas com a deusa Morrigan, responsáveis por transportar os mortos para o paraíso nórdico. Scott afirma:

Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos relacionados entre si: primeiro - símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias) – Eva e Maria, como símbolo da mulher, por exemplo, na tradição cristã do Ocidente, mas também mitos da luz e da escuridão, da purificação e da poluição, da inocência e da corrupção. (p.21)

Nesse aspecto, usou-se o gênero no sentido de como Scott propõe de, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. (p.23) e assim tentar entender sobre o papel das mulheres e dos mitos como representações desses 'papeis' na era viking.

Segundo Menezes, as mulheres vikings gozavam de ampla liberdade comparando com as mulheres europeias em geral. Podiam possuir terras e bens, comercializar e era dela a escolha de querer aceitar se casar ou não com o pretendente arranjado pelo pai. Podiam pedir divórcio e possuir *status* elevado através de bens do marido falecido. Entretanto, poderiam perder a liberdade e a vida se cometessem adultério, que era considerado crime.

O papel da mulher era cuidar dos afazeres domésticos cuidando das crianças, preparando os alimentos, limpando a casa, lavando a roupa, dedicando-se a tecelagem sendo também de sua responsabilidade ordenhar as vacas, fazer queijo e manteiga, preparar remédios e tratar dos doentes e feridos. (MALTARO, 2005 apud MENEZES, p.3)

O texto assegura que na ausência do marido, a mulher viking tem controle total sobre os bens da casa, sendo atribuído a ela o símbolo das chaves (LANGER, 2010, apud MENEZES) além de assumir as responsabilidades do marido nos assuntos externos da casa.

A representação moderna das mulheres vikings, como traz Menezes, nas HQs e no cinema e outras produções culturais estão fartas de fantasia. Com a finalidade de atender as necessidades do mercado, a indústria se volta ao apelo da sensualidade e da violência em suas produções, de forma que seus produtos se destinam ao público jovem.

Símbolo desta tendência é a HQ criada em 1982, por Roy Thomas, chamada “Red Sonja”. Inspirada nos contos de Robert E. Howard, red Sonja é uma guerreira de força e destreza descomuns, ela se equipava com armas enormes e uma espécie de biquíni de metal como armadura, atingindo, em cheio, os objetivos de vendas e fixando a imagem da mulher sensual e belicosa. Outros exemplos dessa imagem é a série de TV “Xena, a princesa guerreira” de 1995, a personagem Freyara do filme “Outlander: Guerreiros vs Predador” de 2008 e, não se pode desconsiderar à cultura de massa, os diversos jogos de RPG, que tem grande popularidade entre os jovens (LANGER, 2012)

Segundo o autor, essas representações tiveram influências com o surgimento do feminismo pós Segunda Guerra, quando as mulheres que ocupavam diversos cargos econômicos enquanto os homens foram enviados para guerra, foram sendo empurradas de volta para o trabalho doméstico depois do final da guerra e os homens quiseram ocupar seus antigos cargos de trabalho. Personagens com grande destaque no cinema, como Éowyn, da trilogia “O Senhor dos Anéis” de 1955, escrito por J. R. R. Tolkien, é um exemplo dessa representação, na qual ela, dama da corte de seu povo, desobedece seu tio e rei e se traveste de guerreiro, monta um cavalo e cavalga para a batalha.

Ainda sobre a representação dos vikings, o texto aborda sobre o compositor alemão, Richard Wagner, que compôs óperas conhecidas mundialmente como a do “Ciclo do Anel” (uma narrativa que foi adaptada da famosa saga lendária, *Volsungasaga*) que tornaram-se referência da imagem dos vikings.

É importante, por fim, salientar aqui também, não somente as representações das mulheres vikings e seus ‘papéis’, mas também ressaltar o ‘papel’ das valquírias com a sociedade nórdica trazendo a importância de seu mito, bem como o ‘papel’ dos homens nisso tudo. Desse modo, como traz Jhonni Langer (2004), em seu artigo “Guerreiras de Odin: As Valkyrjor na Mitologia Viking”, a principal hipótese é de que o mito das valquírias esteve vinculado a certos

fatores sociais relacionados com a aristocracia e a realeza, com a finalidade de legitimar os poderes políticos e sociais dessa mesma classe.

Langer assinala que:

O poder dos homens na arte da guerra. Um dos ideias da classe guerreira era sujeitar todas as mulheres da sua comunidade ao seu controle direto. Somente os homens poderiam efetivamente ter o acesso ao espaço da guerra, aos triunfos militares e à glória da imortalidade nas batalhas, alcançando a recompensa futura. Mulheres guerreiras representavam um obstáculo ao se poder social, bem como seu prestígio perante as comunidades em que viviam. As imagens esculpidas nas estelas representam o maior testemunho na busca de um controle sexista da arte da guerra, assim como as descrições do casamentos das valkyrjor e sua consequente perda de elementos marciais. (LANGER, 2004, p.64)

O autor, portanto, confirma que nas fontes literárias as valquírias nunca são representadas como simples camponesas, filhas de pescadores ou de comerciantes e muito menos escravas. Elas são representadas como filhas de reis com a finalidade de legitimar o poder real, colaborando com os vínculos odinistas (empoderando o deus Odin), exaltando feitos gloriosos dos heróis mortos, estabelecendo assim uma conexão entre o sobrenatural com o poder da classe guerreira e a realeza, a minoria dominante.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford. **Mistura de Gêneros: A reconfiguração do pensamento social**. Petropolis- Rj: Vozes, 1997. Cap.1

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Antropologia em 1ª mão, Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998.

LANGER, Johnni; NEIVA, Weber. **Valquírias versus gigantes: modelos marciais femininos na mitologia escandinava**. Revista Brasileira de Historias das Religiões, Maringa, v. 13, n. 5, p.3-29, maio 2012.

_____. **Guerreiras de Odin: as valquyrjor na mitologia viking**. Brathair, Departamento de História/unc, p.52-69, 2004.

MALTAURO, Marlon Angelo. **A representação da mulher viking na Volsunga saga**. Brathair, Parana, v. 1, n. 5, p.32-44, 2005.

OLIVEIRA, Ricardo Wagner Menezes de. **Sutiãs de aço: A representação da mulher guerreira no filme como treinar seu dragão.** Acedemia.edu, Universidade Federal do Ceará, p.1-9, 2012.

PALAMIN, Flávio Guadagnucci. **O ideal de coragem do guerreiro viking representado pelos heróis Sigmund e Sinflioti.** cih.uem, Vi Congresso Internacioal de História, p.1-15, 2013.

PALAMIN, Flávio Guadagnucci. **Odin e Valhala: aspectos da vida após a morte na mitologia da Europa setentrional.** Cesumar, Centro Universitário de Maringá, p.1-3, 2011.